



Rafael Douglas Sousa de Andrade*

RESUMO

Este artigo visa analisar os seguintes pontos: a tese foucaultiana de disciplina, suas ferramentas de poder e a biopolítica; como houve a mudança social das ferramentas de controle; e, conforme o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han afirma, a superação das teses acerca do poder e do biopoder de Foucault, haja visto diversos fatores, tais como: crises institucionais das ferramentas disciplinares, ascensão da tecnologia – em especial o crescimento exponencial das redes sociais e mídias digitais –, ruptura do panoptismo da vigilância sobre os corpos para a vigilância sobre a psique e a não-completude do novo âmago do neoliberalismo de agir sobre os sujeitos. A metodologia que guiou a pesquisa é teórico-bibliográfica. Concluiu-se na pesquisa que a complexidade em que o neoliberalismo do século XXI exerce o poder, ou seja, em que ele sujeita os indivíduos, está para além da disciplina foucaultiana. Portanto, surge, então, uma nova técnica de sujeição, a psicopolítica silenciosa e afável de Han.

Palavras-chave: Biopolítica. Psicopolítica. Formas de Poder.

From Foucault's biopolitics to Byung-Chul Han's psychopolitics: the new tool of power

ABSTRACT

This article aims to analyze the following points: the Foucauldian thesis of discipline, its tools of power and biopolitics; how there has been a social change in the tools of control; and, as the South Korean philosopher Byung-Chul Han states, there has been an overcoming of Foucault's thesis about power and biopower, given several factors, such as: institutional crises of disciplinary tools, rise of technology – especially the exponential growth of social networks and digital media – rupture of panoptism from surveillance over bodies to surveillance over the psyche and non-completeness of the new core of neoliberalism to act on subjects. The methodology that guided the research is theoretical-bibliographical. It was concluded in the research that the complexity in which the neoliberalism of the 21st century exercises power, that is, subjects the subjects, is beyond the Foucauldian discipline, therefore, a new technique of subjection arises, this being the silent and affable psychopolitics of Han.

Keywords: Biopolitics. Psychopolitics. Forms of Power.

Da biopolítica de Foucault para a psicopolítica de Byung-Chul Han: a nova ferramenta de poder

Kairós: Revista Acadêmica
da Prainha

ISSN: 1807-5096
e-ISSN: 2357-9420
Fortaleza,
v. 19, n. 2, 2023

* Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pós-Graduando em Docência do Ensino Superior pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Mestrando em Filosofia Social e Política pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: rafaldouglassousa@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7520057880742245>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5069-3077>.

Introdução

Questões que envolvem a forma em que o poder é exercido sobre a sociedade, em especial com o avanço do neoliberalismo - sua manutenção, gerência, ferramentas de controle e disciplina – encaminham, há algum tempo, debates na filosofia. Porém, com o avanço da teoria de poder supratranscrito, o tema ganhou bastante destaque no século XX e perdura até o presente século XXI. Este artigo analisará as ideias a respeito do tema, sob a ótica do filósofo francês do século XX, Michel Foucault, e sob o prisma do filósofo sul-coreano do século XXI, Byung-Chul Han. Ademais, como de acordo com Han, houve uma superação da ferramenta foucaultiana de poder, doravante denominada biopolítica¹, para o aparelho de controle mental, doravante denominado psicopolítica², ocorreu, então, uma transição da sociedade disciplinar para sociedade do desempenho. Ambos foram escolhidos devido a notabilidade que possuem acerca do tema proposto.

Foucault irá trabalhar com a ideia de poder e com as formas que este constitui, modela e disciplina coletivamente a individualidade dos sujeitos. Portanto, os dispositivos de poder contribuem na formatação do corpo, tornando-o docilizado e submisso, corrompendo, então, sua subjetividade, haja visto que tal fabricação de corpo corrobora para a adequação aos moldes e estruturas da sociedade:

Os anos de 1970 marcam um novo direcionamento nas análises de Foucault. O que passa a lhe interessar agora é o poder enquanto elemento capaz de explicar como se produzem os saberes e, na mesma medida, como nos constituímos na conexão entre ambos (ser-poder) [...] O poder deve ser visto, em Foucault, como algo que funciona em rede, que atravessa todo o corpo social [...] Para Foucault, a constituição do Estado moderno, com a gênese e o desenvolvimento das novas relações de produção capitalistas, leva à instauração da anátomo-política disciplinar e da biopolítica normativa enquanto procedimentos institucionais de modelagem do indivíduo e de gestão da coletividade; em outras palavras, de formatação do indivíduo e de administração da população (DANNER, 2010, p. 143).

¹ Trata-se, definitivamente, da estatização da vida biologicamente considerada, isto é, do homem como ser vivente. A formação do biopoder, segundo Foucault, poderia ser abordada a partir das teorias do direito, da teoria política (os juristas dos séculos XVII e XVIII colocaram a questão do direito de vida e morte, a relação entre a preservação da vida, o contrato que dá origem à sociedade e a soberania) ou ao nível dos mecanismos, das técnicas e das tecnologias do poder (CASTRO, 2009, p. 57).

² Hoje, caminhamos para a era da psicopolítica digital, que avança da vigilância passiva ao controle ativo, empurrando-nos, assim, para uma nova crise da liberdade: até a vontade própria é atingida. Os *big data* são um instrumento psicopolítico muito eficiente, que permite alcançar um conhecimento abrangente sobre as dinâmicas da comunicação social. Trata-se de um conhecimento de dominação que permite intervir na psique e que pode influenciá-la em um nível pré-reflexivo (HAN, 2018, p. 23).

Outrossim, Foucault sustenta sua ideia de controle pela disciplina a partir de um dispositivo idealizado por Jeremy Bentham no século XIX, chamado panóptico. Trazendo consigo a ideia de visibilidade permanente, eis a figura central da disciplina: o panóptico social.

[...] cada um, em seu lugar, está bem trancado em sua cela, de onde é visto de frente pelo vigia; mas os muros laterais impedem que entre em contato com seus companheiros. É visto, mas não vê; objeto de uma informação, nunca sujeito numa comunicação. A disposição de seu quarto, em frente da torre central, lhe impõe uma visibilidade axial; mas as divisões do anel, essas celas bem separadas, implicam uma invisibilidade lateral. E esta é a garantia da ordem (FOUCAULT, 2014, p. 194).

Além disso, Foucault disserta sobre a sua finalidade e função, além de como o poder disciplinar obtém seu sucesso no corpo social:

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor [...] O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame (FOUCAULT, 2014, p. 167).

Han, em contramão ao que declara Michel Foucault, irá afirmar que a sociedade psicopolítica e do desempenho supera a sociedade disciplinar:

O sujeito do desempenho de hoje se distingue fundamentalmente do sujeito disciplinar [...]. Na sociedade do desempenho neoliberal, negatividade como mandatos, proibições ou punições dão lugar a positividade como motivação, auto-otimização ou autorrealização. Espaços disciplinares são substituídos por zonas de bem-estar. A dor perde toda relação com o poder e com a dominação. Ela é despolitizada em uma circunstância médica (HAN, 2021, p. 25-26).

Outrossim, a partir desse sobrepujamento de sociedades, Han alerta que essa nova fase – psicopolítica – traz à tona uma crise da liberdade subjetiva. Ou seja, trata-se de uma fase em que o sujeito não reconhece que suas escolhas não são próprias de si, mas fruto da nova ferramenta de poder que sutil e silenciosamente o leva a escolher:

Em sua permissividade, ou melhor, em sua afabilidade, o poder põe de lado sua negatividade e se passa por liberdade [...] O sujeito submisso não é nunca consciente de sua submissão. O contexto de dominação permanece

inacessível a ele. É assim que ele se sente em liberdade [...] Ao contrário, ele nos convida a compartilhar incessantemente, participando dando opiniões, comunicando necessidades, desejos e preferências, contando sobre nossa própria vida. Esse poder afável é, por assim dizer, mais poderoso que o repressor (HAN, 2018, p. 26-27).

Destarte, a metodologia bibliográfica que guiou a realização da pesquisa e do artigo foi dividida em duas partes: *a priori*, abordará a ideia de biopolítica, disciplina e panóptico para Foucault; por fim, examina a exposição da tese de psicopolítica de Byung-Chul Han e a reflexão de como houve a sobrelevação de um modelo social – psicopolítica afável de Byung-Chul Han – sobre o outro – biopolítica disciplinar de Foucault –, originando no corpo social uma crise da liberdade subjetiva.

A biopolítica de Foucault: a disciplina, o controle dos corpos e o panóptico

A priori, é importante salientar que Foucault não aponta uma teoria ou conceituação sobre o poder, mas indica os caminhos que levam um sujeito a atuar sobre outros sujeitos:

Trata-se [...] de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações [...] captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam [...]. Em outras palavras, captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício (FOUCAULT, 1979, p. 182).

O poder não se encontra em figuras públicas ou privadas, nesse ou naquele outro sujeito, mas sim nas relações sociais existentes. Ou seja, o poder é uma prática social desenvolvida historicamente e está por toda parte, provocando ações sobre ações. “O poder está em toda parte; não porque englobe tudo, e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 1976, p. 89). Essa dinâmica se dá através do disciplinamento dos corpos e de sistemas disciplinares – família, escola, fábrica, hospital, prisão, sendo este último o suprassumo do confinamento – onde o sujeito passa de um espaço de reclusão e disciplinamento para outro, como bem retratado por Deleuze:

Foucault situou as sociedades disciplinares nos séculos XVIII e XIX; atingem seu apogeu no início do século XX. Elas procedem à organização dos grandes meios de confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um

espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola (“você não está mais na sua família”), depois a caserna (“você não está mais na escola”), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência. É a prisão que serve de modelo analógico: a heroína de Europa pode exclamar, ao ver operários, “pensei estar vendo condenados...”. Foucault analisou muito bem o projeto ideal dos meios de confinamento, visível especialmente na fábrica: concentrar; distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares (DELEUZE, 2000, p. 219).

A fundamentação do sistema disciplinar está no seu caráter penal, o que Foucault chama de *mecanismo penal da disciplina* (FOUCAULT, 2014). Ou seja, na essência da disciplina, tem-se uma espécie de legalidade do Direito, que concede a ela “suas próprias leis, suas formas particulares de sanção e suas instâncias de julgamento” (FOUCAULT, 2014, p. 175), fundamentando, então, o caráter punitivo da disciplina. Porém, o que é a disciplina? Um mecanismo para exercício do poder, que assegura, de maneira minuciosa, as operações do corpo, através de uma imposição na relação entre docilidade e utilidade do sujeito.

O caráter disciplinador, como já mencionado, faz com que a disciplina seja exercida sobre os corpos. Foucault denomina como biopoder, portanto, um aspecto biológico da disciplina. Esta condição é o estado da docilização do sujeito, em outros termos, a criação de corpos que agem e operam de acordo com o que lhe é imposto. A disciplina fabrica, então, a submissão do sujeito, a manipulação de gestos e de comportamentos, a total adestração do sujeito: corpos dóceis³.

Ademais, para Foucault, uma característica fundamental da disciplina é o seu caráter vigilante, pois é daí que o sujeito se sente vigiado, oprimindo qualquer comportamento que fuja do que lhe é exigido. O respaldo dessa vigilância se encontra no panóptico⁴ social, que Foucault afirma ser vigente na comunidade:

³ [...] “Política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica do poder’, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’” (FOUCAULT, 2014, p. 135).

⁴ O jurista e filósofo inglês, Jeremy Bentham, em seus estudos sobre o sistema penitenciário, criou um projeto de prisão circular, que ao seu ver era a maneira ideal de controle e vigilância, onde um observador central poderia ver todos os presos. Eis o sistema panóptico. Ele seria aplicável nas prisões, escolas, hospitais ou fábricas, para tornar mais eficiente o controle destes. Assim, aquele que estivesse sobre uma torre ou estrutura circular central poderia vigiar todos os presos - ou funcionários, pacientes, estudantes, etc -, mantendo-os sob seu controle (BENTHAM, 1995).

O panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. [...] Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. [...] Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções - trancar, privar de luz e esconder - só se conserva a primeira e se suprimem as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha. (FOUCAULT, 2014, p. 194).

Qual o efeito do panóptico? “Induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder” (FOUCAULT, 2014, p. 195). Isto significa que o sujeito, em constante estado de vigilância, regula suas ações. O poder então, na afirmação de Foucault sob a luz de Jeremy Bentham, deve ser visível e inverificável:

Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos [...]. Por isso Bentham colocou o princípio de que o poder devia ser invisível e inverificável. Visível: sem cessar o detento terá diante dos olhos a alta silhueta da torre central de onde é espionado. Inverificável: o detento nunca deve saber se está sendo observado; mas deve ter certeza de que sempre pode sê-lo (FOUCAULT, 2014, p. 195).

Todos os expostos anteriores culminam nas seguintes perguntas: Qual o intuito da docilização do sujeito? A quem interessa esses corpos dóceis? Para além da modulação comportamental-ação do sujeito em sociedade, tem-se também o objetivo de adequar o sujeito para uma teoria de poder, que Foucault percebe estar em curso. É ela a executora da docilização, da disciplina e da constante vigilância. Eis a fórmula do regime neoliberal, visto que é nele onde o sujeito passa a ser assimilado como econômico, facilmente manipulado pela disciplina:

Com a publicação de *Nascimento da Biopolítica* (1978-1979), Foucault dá uma nova guinada em suas pesquisas. Seu objetivo é, agora, analisar as novas formas de controle biopolítico, segundo o eixo das economias de mercado, influenciado pelo neoliberalismo econômico da Escola de Chicago. Na visão de Foucault, sob a influência do neoliberalismo econômico do pós-guerra, o homem foi compreendido em termos de *homo oeconomicus*, isto é, como um ser agente que, estimulado pelas diversas exigências do mercado, busca responder a essas exigências. O interesse de Foucault, então, se dirige às diversas formas de controle dos indivíduos e das populações, tal como elas se dão nas modernas economias de mercado (DANNER, 2010, p. 155).

Em suma, percebe-se que Foucault aborda que no corpo social do regime liberal, as ferramentas de poder disciplinam o sujeito através do estado incessante de vigilância, corrompendo suas escolhas, moldando comportamentos – modelagem essa que se adequa ao neoliberalismo –, transfigurando o sujeito em um corpo dócil, adequando-o, então, à forma neoliberal.

Todavia, Deleuze equiparou o estado disciplinar como uma toupeira, porque ela se movimenta em espaços fechados, pré-instalados, e por isso se submete a restrições. Porém, em uma sociedade em que a lógica empresarial-neoliberal está em trâmite, em que “o serviço de vendas se tornou o centro ou a ‘alma’ da empresa” (DELEUZE, 2000), o raciocínio disciplinar estaria sendo superado por um novo estado, o de controle:

Informam-nos que as empresas têm uma alma, o que é efetivamente a notícia mais terrificante do mundo. O marketing é agora o instrumento de controle social, e forma a raça impudente de nossos senhores. O controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado, ao passo que a disciplina era de longa duração, infinita e descontínua. O homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado (DELEUZE, 2000, p. 224).

O animal da sociedade de controle é a serpente, pois “ao contrário da toupeira, a serpente não se movimenta em espaços fechados; é a partir do movimento que abre espaço. A toupeira é trabalhadora. A cobra por sua vez é empreendedora. É o animal do regime neoliberal” (HAN, 2018, p. 30). Deleuze afirma que o molde disciplinar não é mais suficiente para explicar o novo regime de dominação, pois atualmente vive-se uma crise das instituições:

O que conta é que estamos no início de alguma coisa. No regime das prisões: a busca de penas “substitutivas”, ao menos para a pequena delinquência, e a utilização de coleiras eletrônicas que obrigam o condenado a ficar em casa em certas horas. No regime das escolas: as formas de controle contínuo, avaliação contínua, e a ação da formação permanente sobre a escola, o abandono correspondente de qualquer pesquisa na Universidade, a introdução da “empresa” em todos os níveis de escolaridade. No regime dos hospitais: a nova medicina “sem médico nem doente”, que resgata doentes potenciais e sujeitos à risco, que de modo algum demonstra um progresso em direção à individuação, como se diz, mas substitui o corpo individual ou numérico pela cifra de uma matéria “dividual” a ser controlada. No regime de empresa: as novas maneiras de tratar o dinheiro, os produtos e os homens, que já não passam pela antiga forma-fábrica. São exemplos frágeis, mas que permitiriam compreender melhor o que se entende por crise das instituições, isto é, a implantação progressiva e dispersa de um novo regime de dominação (DELEUZE, 2000, p. 225).

A preocupação de Deleuze com a lógica empreendedora-desempenho vigente não é em vão, pois nota-se o surgimento de um novo sistema de dominação aparente. É Byung-Chul Han que dará nome para o novo regime: Psicopolítica.

De acordo com Deleuze, o regime disciplinar se organiza como corpo. É um regime biopolítico. Por sua vez, o regime neoliberal se comporta como alma. Desse modo, a psicopolítica é sua forma de governo. Ela introduz o tempo todo uma rivalidade inextinguível como são emulação, [como] excelente motivação. A motivação, o projeto, a competição, a otimização e a iniciativa são inerentes à técnica psicopolítica de dominação do regime neoliberal. A serpente encarna acima de tudo a culpa (*Schuld*), as dívidas (*Schulden*), que o regime neoliberal emprega como meio de dominação. (HAN, 2018, p. 31).

A superação da disciplina foucaultiana pelo controle psicopolítico de Han e a crise da liberdade advinda deste último regime de dominação, é o que será abordado no próximo tópico.

Psicopolítica de Han x Biopolítica de Foucault: a crise da liberdade, a sutileza e silenciosidade do poder sobre a disciplina

Foram expostas anteriormente as premissas e reflexões acerca do pensamento de Foucault sobre a disciplina e a docilização dos corpos, bem como elas têm corrompido e fomentado ferramentas de poder, em que os sujeitos exercem ações sobre outros sujeitos. Ademais, para o funcionamento e a manutenção do poder sobre o corpo, o panóptico de Bentham, apropriado por Foucault e adaptado para o panóptico social, surge como pilar de vigilância essencial para guiar comportamentos e ações. Ou seja, a vigilância constante, ou a ideia de estar sendo vigiado, é a chave para o disciplinamento. É o ato de exploração que produz o sujeito da obediência.

Contudo, o exercício do poder na sociedade neoliberal não é sobre os corpos. O panóptico observa de fora o sujeito e o seu corpo. Isto não consegue dar conta da totalidade do neoliberalismo, da vigilância deste regime e da forma de controle que nele é exercida. O corpo não é mais o centro, mas sim a psique:

[...] A psique não está no foco do poder disciplinar. A técnica ortopédica do poder disciplinar é muito grosseira para penetrar nas camadas mais profundas da psique - com seus desejos ocultos, suas necessidades e seus anseios - e apoderar-se deles. Também o Grande Irmão de Bentham observa seus internos apenas de fora. Seu panóptico está ligado ao medium óptico.

Não tem nenhum acesso a pensamentos ou necessidades íntimas (HAN, 2018, p. 35).

“O poder é fenômeno da interioridade e da subjetividade” (HAN, 2019, p. 108). O poder reside na psique, desvirtuando o sujeito no seu interior, em sua subjetividade. Diante disso, Han trabalha com a linha de raciocínio que preconiza que disciplina e panóptico não correspondem às novas ferramentas neoliberais de poder. Tendo em vista o desenfreado avanço das redes sociais e das mídias digitais, o corpo social culmina com a pornografização e a exposição em excesso do sujeito na sociedade. Logo, a ideia do panóptico não se faz mais necessária, pois o sujeito expõe-se em excesso e não mais precisa de um estado total de vigilância: “Na sociedade expositiva cada sujeito é seu próprio objeto-propaganda; tudo se mensura em seu valor expositivo. A sociedade exposta é uma sociedade pornográfica; tudo está voltado para fora, desvelado, despido, desnudo, exposto” (HAN, 2017, p. 31-32).

Sobre a biopolítica, técnica de governança da sociedade disciplinar, Han aborda a sua não-suficiência para o regime neoliberal. A exploração nele ocorre pela mente do sujeito:

A biopolítica, que usa as estatísticas demográficas, não possui acesso ao psíquico. Ela não fornece um psicograma da população. A demografia não é uma psicografia; não explora a psique. Aí reside a diferença entre a estatística e o *big data*. A partir do *big data* é possível extrair não apenas o psicograma individual, mas o psicograma coletivo, e quem sabe até o psicograma do inconsciente. Isso permitiria expor e explorar a psique até o inconsciente (HAN, 2018, p. 36).

Essa nova forma de controle é permissiva, silenciosa e afável: *permissiva*, pois o sujeito aceita termos e licenças para uso dessas novas tecnologias – notebooks, *smartphones*, televisores – concedendo acesso aos microfones, às câmeras e às mensagens de texto – se não o aceita, acaba por não conseguir usar os aparelhos ou aplicativos –; *silenciosa*, pois o sujeito não nota o constante estado de vigilância e o contínuo oferecimento de seus dados e de sua individualidade ao virtual; *afável*, pois o sujeito sente-se abraçado pela nova onda das redes sociais. Levando em consideração esse novo sujeito transparente constituído pela sociedade psicopolítica do desempenho, percebe-se que um psicograma do indivíduo é formado, no qual constam a hora que levantou, o que comeu, o que comprou, com quem esteve, onde esteve, com quem conversou, com quem trocou mensagens de texto. Tudo isso é

informado para o *big data*⁵, sendo tais informações totalmente aproveitadas para moldar o sujeito em seu trabalho, em suas compras, nas suas ações. A cartada magistral é a falsa sensação de liberdade provida por essa nova sociedade. Substituiu-se o “sorria, você está sendo filmado” para “aceite os termos e divirta-se”.

Conseqüentemente, em seu âmago nasce uma crise da liberdade, além do surgimento e do crescimento de doenças psicossomáticas e de uma infocracia⁶. Sobre cada um dos tópicos, respectivamente, além da crise da liberdade:

Vivemos em um momento histórico particular, no qual a própria liberdade provoca coerções [...] A liberdade é livre a antagonista da coerção. Ser livre significa estar livre de coerções. Ora, mas essa liberdade que deveria ser o contrário da coação também produz ela mesma coerções. Doenças psíquicas, como depressão ou *burnout* são expressões de uma profunda crise da liberdade: são sintomas patológicos de que hoje ela se transforma muitas vezes em coerção. O sujeito do desempenho, que se julga livre, é na realidade um servo: é um servo absoluto, na medida em que, sem um senhor, explora voluntariamente a si mesmo. Nenhum senhor o obriga a trabalhar. O sujeito absolutiza a vida nua e trabalha (HAN, 2018, p. 9-10).

Sobre as doenças psicossomáticas e seu vínculo com a crise da liberdade:

A violência viral, que continua seguindo o esquema imunológico de interior e exterior ou de próprio e outro, e pressupõe uma singularidade ou alteridade hostil ao sistema, não está mais em condições de descrever enfermidades neuronais como depressão, TDAH ou SB [...]. Tanto a depressão quanto o TDAH ou a SB apontam para um excesso de positividade [...]. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade do desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos de obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmo [...]. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados [...]. O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão de desempenho [...] O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que,

⁵ O *big data* é a área que estuda, trata, analisa e obtém informações de dados obtidos diariamente pela internet, a nova forma mais eficiente de vigilância digital. Ela é livre de qualquer limitação e/ou perspectiva analógica. A digital possibilita a vigilância de qualquer lugar e/ou ângulo (HAN, 2018).

⁶ Chamamos regime de informação a forma de dominação na qual informações e seu processamento por algoritmos determinam decisivamente processos sociais, econômicos e políticos. Em oposição ao regime disciplinar, não são corpos e energias que são explorados, mas informações e dados. Não é, então, a posse de meios de produção que é decisiva para o ganho de poder, mas o acesso a dados utilizados para vigilância, controle e prognósticos de comportamentos psicopolíticos. O regime de informação está acoplado ao capitalismo da informação, que se desenvolve em capitalismo da vigilância e que degrada os seres humanos em gado, em animais de consumo e dados (HAN, 2022, p. 7).

em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência. Os adoecimentos psíquicos são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal (HAN, 2017, p. 20-30).

Por fim, sobre a infocracia:

O capitalismo da informação, assentado sobre a comunicação e a conexão, torna obsoleta técnicas disciplinares como a isolamento espacial, a regulamentação rigorosa do trabalho ou o adestramento corporal. A docilidade que significa também obediência ou ductilidade, não é o ideal do regime da informação. O sujeito submisso do regime da informação não é nem dócil, nem obediente. Ao contrário, supõe-se livre, autêntico e criativo. Produz-se e se performa [...]. Na sociedade da informação, os locais de incorporação do regime disciplinar se desfazem em redes abertas. Para o regime da informação, valem os seguintes princípios topológicos: descontinuidade são reduzidas em prol de continuidades. No lugar de encerramentos e conclusões, aparecem aberturas. Celas isoladas são substituídas por redes de comunicação. A visibilidade é, então, produzida de toda outra maneira, não pelo isolamento, mas pela conexão. A técnica digital da informação faz com que a comunicação vire vigilância. Quanto mais geramos dados, quanto mais intensivamente nos comunicamos, mais a vigilância fica eficiente (HAN, 2022, p. 8-13).

Em síntese, nota-se com a argumentação de Han que a sociedade disciplinar foucaultiana e a ideia do panóptico social não mais correspondem aos moldes de vigilância, controle e exercício do poder sobre o corpo social na contemporaneidade, haja vista a crise das instituições disciplinares e a evolução desenfreada da tecnologia aliada ao surgimento das redes sociais e das mídias digitais, resultando na exposição em excesso dos sujeitos e na exploração das vontades na mais funda camada da psique.

Na contemporaneidade, todo o exposto por Han culmina em sequelas sociais, políticas e psíquicas em prol do regime neoliberal: é o desempenho em seu ápice. Uma maquinaria que se renovou. Afável, silenciosa e permissiva, um complexo cada vez mais melindroso. “Os anéis de uma serpente são ainda mais complicados que os buracos de uma toupeira” (DELEUZE, 2000, p. 226).

Considerações Finais

Portanto, do ponto de vista de Foucault, nota-se que houve uma evolução na sociedade, mormente em suas formas de fazer o poder ser efetivo, o que ocorre por meio da disciplina, da docilização dos corpos, das novas técnicas de vigilância –

através da ideia do panóptico – e da institucionalização da disciplina nas diferentes instituições. Entende-se que o poder não está contido em um grupo de pessoas ou de grupos políticos, mas se faz presente na constituição da comunidade. Em outros termos, as relações sociais, como um todo, reverberam as relações de poder – família, escola, hospitais, prisões, etc.

Tais contribuições foucaultianas foram de grande valia para a compreensão e o estudo das relações de poder e disciplina do século XX. No entanto, na sociedade neoliberal do século XXI, a fundamentação da disciplina não é suficiente para exemplificar a forma de poder vigente na contemporaneidade. Considerando o advento da tecnologia, em especial o nascimento das redes sociais e das mídias digitais, a nova ferramenta de controle não incide mais sobre o corpo, e sim na psique. Para o adestramento do sujeito, não é mais necessário um modelo panóptico, em que ele se sentia oprimido e receoso com uma vigilância que poderia ou não estar ali. O sujeito agora é desnudo e exposto, e faz isso voluntariamente. Com efeito, a análise de Byung-Chul Han permite captar essa mudança da biopolítica para a psicopolítica e, mais ainda, perceber os impactos sociais, políticos e psíquicos que ela acarreta. A crise da liberdade, os problemas psicossomáticos e o adestramento da psique são a linha de largada dessa nova sociedade do desempenho neoliberal-psicopolítica.

Referências

BENTHAM, Jeremy. **The Panopticon Writings**. [S. L.]: Verso, 1995.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHUL HAN, Byung-. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2022. (Título Original: **Infokratie**).

CHUL HAN, Byung-. **O que é poder?** Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2019. (Título Original: **Was ist Macht?**).

CHUL HAN, Byung-. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. 7ª ed. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

CHUL HAN, Byung-. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017. (Título Original: **Transparenzgesellschaft**).

CHUL HAN, Byung-. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017. (Título Original: **Müdigkeitsgesellschaft**).

CHUL HAN, Byung-. **Sociedade Paliativa**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2021. (Título Original: **Palliativgesellschaft - Schmerz Heute**).

DANNER, Fernando. O Sentido da Biopolítica em Michel Foucault. **Revista Estudos Filosóficos**, São João del Rei, n. 4. p. 143-157, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Conversações 1972-1990**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2000.

FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes; RAITZ, Tânia Regina. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. **Revista de Administração Pública - RAP/FGV**. Rio de Janeiro, p. 367-383, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. Curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 42ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014. (Título Original: **Surveiller et punir**).

SANTOS, Isaías Augusto Pereira dos. Biopolítica, Técnica e Poder na Filosofia de Michel Foucault. **Revista Filogenese**, São Paulo, v. 16, p. 42-63, 2021.

Recebido em: 19/07/2023
Aprovado em: 27/09/2023